



**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE - UFF**  
**INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL**  
**GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL**

CAROLINA DALLOLIO DE QUEIROZ

**CÍRCULO DE MULHERES**

A ANCESTRALIDADE DA ALMA E A CURA DAS RELAÇÕES

NITERÓI – RJ

NOVEMBRO/2016

CAROLINA DALLOLIO DE QUEIROZ



**ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO FINAL DO CURSO DE PRODUÇÃO CULTURAL**

IDENTIFICAÇÃO DO TRABALHO	
Nome do Candidato: <b>CAROLINA DALLOLIO DE QUEIROZ</b>	Matrícula: <b>211 33 059</b>
Título do Trabalho: <b>"CÍRCULO DE MULHERES: A ANCESTRALIDADE DA ALMA E A CURA DAS RELAÇÕES"</b>	
Orientador: <b>Dra. Flávia Lages de Castro</b>	
Categoria: <b>Monográfica</b>	Data da Apresentação: <b>03/11/2016</b>

BANCA EXAMINADORA
1º Membro (Presidente): <b>Dra. Flávia Lages de Castro</b>
2º Membro: <b>Me. Ohana Boy Oliveira</b>
3º Membro: <b>Me. Mariana Gomes Caetano</b>

AVALIAÇÃO:		
Análise / Comentário <p>A ALUNA APRESENTOU UMA PESQUISA ASSIM TENDO COMO OBJETO CÍRCULOS DE MULHERES E AS ESPECIFICIDADES DA PRODUÇÃO DESSE FAZER CULTURAL. A BANCA DESTACA A TEMÁTICA DESAFIADORA PELA HIERARQUIZAÇÃO DA RAZÃO E DO ESCRITO NA ACADEMIA EM DETRIMENTO DA LEGITIMIDADE DO PENSAR O ORAL NA UNIVERSIDADE QUE O TEMA CARREGA. AVALIADO SE QUE NA ESCOLHA DO TEMA DEVERIA ESTAR MAIS ESPECIFICADO, NO QUE SE RESPEITO AOS CÍRCULOS, PARTICIPANTES E EXPERIÊNCIAS.</p>		
Nota Final (média dos três integrantes da Banca Examinadora): <b>010 (80)</b>		
ASSINATURAS		
 1º Membro (Presidente)	 2º Membro	 3º Membro

## **CÍRCULO DE MULHERES**

### **A ANCESTRALIDADE DA ALMA E A CURA DAS RELAÇÕES**

Monografia apresentada à Universidade Federal Fluminense - UFF, como pré-requisito para a obtenção do título de Bacharel em Produção Cultural.

Orientação: Profa. Dra. Flávia Lages

NITERÓI - RJ

NOVEMBRO/2016

CAROLINA DALLOLIO DE QUEIROZ

## **CÍRCULO DE MULHERES**

### **A ANCESTRALIDADE DA ALMA E A CURA DAS RELAÇÕES**

Monografia apresentada à Universidade Federal Fluminense - UFF, como pré-requisito para a obtenção do título de Bacharel em Produção Cultural.

#### **BANCA EXAMINADORA:**

---

Profa. Dra. Flávia Lages de Castro (orientadora)  
Universidade Federal Fluminense

---

Ohana Boy Oliveira - Mestra em Cultura e Territorialidades  
Universidade Federal Fluminense

---

Mariana Gomes Caetano - Mestra em Cultura e Territorialidades  
Universidade Federal Fluminense

Niterói, 3 de novembro de 2016.

Dedico este trabalho final de conclusão de curso a todas as mulheres da minha linhagem; da minha vivência, aos ensinamentos passados e a semente do despertar que desabrocha nas terras férteis do esclarecimento.

## AGRADECIMENTOS

Sou grata pela oportunidade de concluir mais uma jornada nesse momento, nesse tempo e nesse corpo sagrado; meu templo. Sou grata pelo desenvolvimento pessoal em finalizar mais uma etapa importante, em meio à tantas questões externas e internas que tanto acompanharam nos últimos tempos. Em meio ao processo contínuo de amadurecimento de si e de todas as possibilidades que surgem, o que fica é a gratidão pela oportunidade de deixar mais um registro meu na passagem por esse mundão.

Agradeço pelo esclarecimento e apoio de todos os seres que estiveram comigo nessa jornada, acompanhando as angústias e as delícias desse ciclo. A roda girou e seguimos rodopiando. A passagem pela universidade foi marcada por carinho e esclarecimento dentro de um espaço acolhedor que se tornou fundamental para todos os posicionamentos e ideologias que por quatro anos se desenvolviam.

Agradeço à minha querida família de sangue, a base do meu ser. Sem eles ao lado o caminho seria mais nebuloso e incerto. A estrutura e apoio, os incentivos para continuar, os conselhos e sugestões sempre amigáveis e nunca opressores foram puro carinho que contemplo com alegria. Construimos uma fortaleza mesmo diante das nossas diferenças e sem isso certamente a nossa ciranda seguiria n'outra canção. Com muito amor e orgulho concluo essa etapa para nós.

Sinto imensa gratidão pela orientadora Flávia Lages, que se mostrou sempre gentil e atenciosa desde a sala de aula até os últimos momentos de troca. Que acolheu quando o caminho parecia cheio de pedras e conseguiu

despertar o desejo de concluir a pesquisa quando as ideias ainda davam nó. Sou grata por minha orientadora e o potencial de transformação contagiante que carrega consigo. Agradeço “miga” Júlia, por existir, por me auxiliar em todos os sentidos possíveis. E ao irmão Gabriel, por sem quem és, por estar ao meu lado sempre.

E às mulheres que caminham comigo, minhas irmãs, minha família da alma. Agradeço a cada uma que compartilhou e trocou, pois esses momentos ainda vivem em mim. Essa força criada por nossos encontros foi semente que brotou no meu jardim interno para compreender o meu espaço enquanto mulher na sociedade e a possibilidade de questionar tudo que chega. Sem todas as “manas” a materialização desses pensamentos seria outra. Ou não seria.

À vocês, “hermanitas” do Bosque de Artemis, meu santuário de conforto, iniciação e esclarecimento, à vocês Helena e Joana. À Gold – alma gêmea – Karina, Paula, Isabela, Manu, Radha. Gratidão pelo impulso de facilitar nosso Círculo do Caldeirão Lunar, que se faz vivo em nós e em tantas. Agradeço imensamente à Maíra, Yasmin e Manu, flores, companheiras de lar, companheiras de vida e de ensinamentos cotidianos sobre viver em comunidade, nos respeitando, contemplando sonhos e transformando nossa rede através de um contato tão íntimo conosco e com a natureza. Sem vocês eu não seria eu.

Mãe do sagrado que mimo, esse dom feminino, o dom de gerar

Lua que move o poder, lua vem proteger, vem nutrir e curar

Flor do sagrado que mimo, este orgasmo divino que é a mulher

Salve a luz da beleza e a delicadeza de ser o que és

[...]

Lobas que honram seus ciclos e plantam nas terras as águas de deus

Lua que escorre do ventre a luz a semente onde o sol nasceu.

ALE DE MARIA

## RESUMO

A monografia discute e questiona a temática feminina presente na prática dos círculos de mulheres contemporâneos e de que forma estes afetam e influenciam a construção de uma sociedade mais igualitária e consciente de si. A pesquisa busca refletir sobre o conceito das teorias de gênero e da sororidade visando explicitar a legitimidade de um espaço de troca para mulheres enquanto seres livres. Tais considerações se apresentam baseadas em estudos de casos, bem como a utilização de referências bibliográficas e culturais de forma a ampliar conceitos e possibilitar um olhar mais atento para a representação da mulher.

**Palavras-chave:** feminino; sacralidade; gênero; mulheres; bruxa; círculo de vivências.

## ABSTRACT

The monograph discusses and questions this female subject in the practice of contemporary women's circles and how these affect and influence the construction of a more egalitarian society and self-conscious. The research seeks to reflect on the concept of gender theories and sisterhood aimed at clarifying the legitimacy a swap space for women as free beings. Such considerations are presented based on case studies, and the use of literature and cultural references in order to expand concepts and enable a closer look at the representation of women.

Keywords: female; sacredness; genre; women; witch; circle of experiences.

**Keywords:** female; sacredness; genre; women; witch; circle of experiences.

*Sou feminista.  
Dentre várias razões porque  
quando eu estou sozinha  
numa rua escura  
levemente alcoolizada  
no meio da noite  
e escuto passos atrás de mim  
Apavoro.  
olho pra trás e percebo que  
não há sensação mais reconfortante  
do que ver uma mulher  
e eu sei  
que ela está aliviada  
em me ver também  
olhares que se tocam  
e silenciosamente dizem  
"obrigada"  
(nossa irmandade sempre existiu)*

JULIA MARIA FERNANDES

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b><u>CAPÍTULO 1</u></b> : SOMOS UM CÍRCULO DENTRO DE UM CÍRCULO SEM UM COMEÇO E SEM UM FIM .....	14
1.1 Compreendendo a espiral: desvendando essa mulher .....	14
<b><u>CAPÍTULO 2</u></b> : ESPIRALANDO AO CENTRO DE NOSSO SER SOMOS A TEIA E A QUEM TECE. SOMOS O SONHO E O SONHADOR .....	21
2.1 A produção cultural de baixo para cima .....	21
<b><u>CAPÍTULO 3</u></b> : O CIRCULO DE MULHERES .....	26
3.1 Origem, declínio e permanência .....	26
<b><u>CAPÍTULO 4</u></b> : NOTAS SOBRE O CÍRCULO DO CALDEIRÃO LUNAR .....	43
<b><u>CONSIDERAÇÕES FINAIS</u></b> .....	50
<b><u>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</u></b> .....	52

## INTRODUÇÃO

O impulso que me faz concluir essa pesquisa sobre o sagrado feminino é principalmente reconhecer o despertar de tantas mulheres por meio do entendimento a respeito das múltiplas facetas de uma Deusa adormecida, que pertence a todos, que também me afeta, me transforma e fortalece. E ao falar dessa mulher, me refiro a aquela que se posiciona, se percebe e se sente mulher neste momento, para além de uma questão de escolha de gênero. Os círculos de mulheres se tornaram o impulso de um caminhar que também é meu. Minhas descobertas giram em forma circular e seguem espiralando.

Diante das diversas possibilidades que se colocam em prática no desabrochar das manifestações culturais, estas, que se criam e se recriam ao longo dos tempos, principalmente diante de sua fluidez, percebo que há um emaranhado de interrogações e exclamações no contexto das manifestações e práticas ancestrais realizadas por mulheres em tempos de pré-cristãos que reverenciava uma Tradição da Deusa e que por muito tempo foram ocultadas. Principalmente a partir da década de 1960 houve um ressurgimento dessas antigas práticas espirituais e curativas e estas serão aqui apresentadas. Questões estas que também precisam ser colocadas em pauta; desenterradas, questionadas e evidenciadas para que não sejam perdidas em um mundo que tem se construído tão “escrito”.

Este estudo propõe como objetivo informar e fundamentar informações a respeito dos atuais círculos de mulheres realizados no Brasil, com foco em encontros realizados no Rio de Janeiro e serão discutidos nos capítulos subsequentes. A pesquisa presente é de natureza aplicada e objetivo explicativo – o qual requer um método observacional. Elaboro um procedimento

bibliográfico, com estudo de campo em uma pesquisa-ação. A pesquisa-ação se desenvolveu através da interação entre uma pesquisadora e as participantes se relacionando de modo participativo e/ou cooperativo. Elaborada a partir de material publicado e da observação participante no período 2014-2016.

Pretendo evidenciar no primeiro capítulo o que representa um círculo de mulheres, quem são essas mulheres e suas características determinantes e ainda o público atingido a partir dessas vivências observadas. Busco nos próximos capítulos discutir a hipótese maior da pesquisa, que se trata do pressuposto de que quando há a elaboração de um círculo, desenvolve-se a possibilidade desse tipo de encontro ser um potencializador do sentimento de sororidade. O sentido morfológico dessa palavra, sua origem e as urgências da utilização desse termo em termos contemporâneos também será esclarecida, por conseguinte.

A pesquisa propõe no segundo capítulo encontrar na figura do produtor cultural o seu fundamental papel de mediador-in(ter)ventor e ainda explicitar a produção espontânea que ocorre em potencial por parte de quem se mobiliza para a realização do mesmo, para além de conhecimentos técnicos e formação acadêmica. O objetivo que visou ao finalizar esse tipo de pesquisa é resgatar um conhecimento ancestral e trazê-lo à tona, que, por sua vez é uma forma de preservar uma ritualística sagrada que baseia muito na oralidade; seja esta por meio de mitos, lendas, práticas ou cerimônias.

Considero que estes ensinamentos podem, por sua vez se perder devido à informalidade e falta de registros escritos, além do peso que possui o fato de toda essa bruxaria ter sido marcada por perseguições sociais e religiosas, que

representa nada mais que uma tentativa desesperada, por parte das estruturas mais poderosas de permanecer no poder, diante de uma sociedade burguesa em desenvolvimento e que mais tarde se estabelece, sendo esta que, por vez ainda alimenta o atual patriarcado. Tal contextualização histórica será evidenciada no terceiro capítulo deste material.

Pretendo com este trabalho trazer a tona hipóteses fundamentais sobre as quais os sistemas de dominação estavam baseados e ainda acredito estarem e ainda estabelecer a importância de uma prática que pode ter a capacidade de unir e regenerar. Encontros que possam fortalecer a integração de mulheres, levando-as a abrir mão de comportamentos competitivos e de desconfiança entre elas; do preconceito e rivalidade, sendo possível o sentimento de sororidade.

Relembro e retomo esse conteúdo no quarto capítulo com notas sobre o Círculo do Caideirão Lunar – o qual particularmente participo ativamente – onde utilizo esse estudo de caso como observação para um caminho de resgate a afirmação de valores de uma atividade legítima a qual percorre séculos de ancestralidade que envolviam o culto à mulher como uma figura sagrada e que ademais, tais ideias ainda permanecem na contemporaneidade. Permanecem em evidência e força diante daquelas tantas que praticam, as curando e fortalecendo. Permanece em mim e no meu caminhar. E assim segue.

# CAPÍTULO 1

## SOMOS UM CÍRCULO DENTRO DE UM CÍRCULO SEM UM COMEÇO E SEM UM FIM

### 1.1 Compreendendo a espiral: desvendando essa mulher

Ao realizar a pesquisa acerca da prática dos círculos de mulheres foi preciso realinhar pensamentos a respeito do sagrado feminino e dessa mulher que senta em roda para compartilhar. Embora designar definições da prática em si não exija grandes questões, determinar as variações de mulheres participantes pressupõe algumas indagações. Considerando que o que permeia essa prática seja o olhar para si, a busca pelo autoconhecimento e compreensão referente à sacralidade e valorização do feminino, questões relacionadas ao gênero também surgem, pois não compreendo nesse momento o ser/estar mulher unicamente como um corpo de padrões normativos feminino com útero, seja em segmentos biológicos, sociais ou espirituais.

Partindo da concepção de Foucault<sup>1</sup> (1979) a respeito do gênero, o mesmo entende que há um “dispositivo de sexualidade” imposto na sociedade, que se faz por meio de influências de instituições e morais impostas – e em tempos contemporâneos poderia ser considerada a influência da mídia –, sendo um grande dispositivo de poder que visa “responder” – eu diria impor – às demandas sociais, morais e políticas através de discursos e práticas normativas. O que Foucault chama de “o dito e o não dito” é aquilo que molda e tenta enquadrar a sexualidade em padrões que na verdade não se cabem.

---

<sup>1</sup> “A partir da idéia que o indivíduo não nos é dado, acho que há apenas uma consequência prática: temos que criar a nós mesmos como uma obra de arte.” Michel Foucault

Esse dispositivo de sexualidade tem poder e influência de sustentar a concepção do indivíduo como um sujeito de moral regulamentada, onde se entende que esses tipos de imposições pré estabelecidas são uma construção cultural e histórica, mas que ainda assim podem e devem ser (re)construídas e (re)significadas. Foucault contribui com essa discussão acerca da sexualidade atravessando suas pesquisas de estudo com um viés ligado aos processos de subjetivação ou ao exercício ético de constituição de si, conseguindo assim adentrar numa perspectiva não mais apenas biológica, mas comportamental, o que sugere com extrema relevância uma forma de compreender a identidade não como fixa, mas como uma narrativa. São múltiplas identidades que implicam em múltiplas narrativas, para concluir que diferenças não são estereótipos, mas sim processos de diferenciação. Louro (1997) diz sobre estes processos que:

(...) estão continuamente se construindo e se transformando. Em suas relações sociais atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, os sujeitos vão se construindo como masculinos e femininos, arranjando e desarranjando seus lugares sociais, suas disposições, suas formas de ser e de estar no mundo. Essas construções e esses arranjos são sempre transitórios, transformando-se não apenas ao longo do tempo, como também transformando-se na articulação com as histórias pessoais, as identidades sexuais, étnicas, de raça, de classe.

É utilizando a concepção foucaultiana de saber, pressupondo um saber relativizado, que compreendo as subjetividades e os processos dinâmicos em permanente construção e tensão com outras representações de gênero como processo contínuos. Essa perspectiva é fundamental para compreender algumas ideias acerca das diferenças sexuais e/ou de gênero e a forma como os diferentes significados atribuídos ao feminino e a o masculino na sociedade

e na cultura se formam, além de ser urgente o contínuo questionamento sobre as representações tradicionais que definem o que é ser mulher ou ser homem em tempos contemporâneos, afirmando um relativismo cultural.

Entretanto, é relevante mencionar que devido a presença exclusivamente de mulheres cisgênero, determinando a prevalência daquelas em que há concordância da identidade de gênero da pessoa com sua configuração genital e hormonal nos círculos pesquisados e ainda a restrição de homens no geral – por opção daquelas que realizam o encontro, mencionando que algumas mulheres sentem a necessidade da não presença masculina para um maior pertencimento do poder de fala e confortabilidade.

Essa análise reflete uma percepção onde, diante do trabalho realizado, percebo que não há uma total harmonização dessa prática à todas as possibilidades do ser mulher e nem uma busca por uma inclusão mais ampla, valorizando e promovendo um equilíbrio e cura do sagrado masculino e feminino, o que considero uma limitação dentro dos estudos desses círculos de mulheres contemporâneos.

Embora especificar quem são as mulheres que podem estar envolvidas na prática não seja um assunto predominante nos círculos, acredito ser indispensável e significativo que essa discussão a respeito da repressão estética do feminino seja feita e colocada em questão e é partindo desse pressuposto que são concebidos os desígnios neste estudo realizado.

Em um viés espiritualista também se pode considerar pertencente à busca interior do sagrado feminino todos que aspirem por isso, ao pressupor que o feminino é uma energia; uma força que perpassa todos para além de restrições, porque é entendido nesse viés que o corpo físico é um estágio

passageiro e em essência o ser é o equilíbrio dos pólos feminino e masculino. Esses estudos partem dos antigos chineses quando, no princípio do taoísmo deduziram o equilíbrio complementar de tudo no universo a partir de dois conceitos: yin e yang – associado ao feminino e masculino, respectivamente, o qual designa a dualidade energética de polos opostos, mas interdependentes – e que se afastam de conceitos de “bom” e “mau”, já que em sua completude esses pólos na verdade formam um equilíbrio dinâmico. Sendo assim, se todos possuem essas energias, ambas devem ser valorizadas e trabalhadas em tempos específicos.

Considero também os conceitos jungianos que seguem essa linha de pensamento. O psicanalista os denomina de *Anima* e *Animus*. A priori é importante mencionar que todo ser humano carrega dentro de si uma quantidade de hormônios referente ao sexo oposto dentro do organismo e sabendo disso, Carl Jung associa essa constatação à psique, onde possuem que todos carregam consigo também qualidades inerentes referentes ao sexo oposto, mas que essas não são conscientes. Além disso, Jung percebe que conforme os traços psicológicos de cada indivíduo se formam, são reprimidas as tendências do sexo oposto e se acumulam no inconsciente. São essas partes reprimidas denominadas de *Anima* e *Animus* – sendo *Anima* a contraparte feminina da psique do homem e *Animus* a contraparte masculina na psique da mulher.

O que se passa com a masculinidade? Sabes quanta feminilidade falta ao homem para seu aperfeiçoamento? Sabes quanta masculinidade falta à mulher para seu aperfeiçoamento? Vós procurais o feminino na mulher e o masculino no homem. E assim há sempre apenas homens e mulheres. Mas onde estão as pessoas? Tu, homem, não deves procurar o feminino na mulher, mas deves procurá-lo e reconhecê-lo em ti, pois tu [o] possuis desde o começo. Mas gostas de desempenhar o papel da masculinidade, porque isto flui pelo caminho desimpedido do tradicional. Tu, mulher, não deves procurar o masculino no homem, mas deves aceitar em ti o

masculino, pois tu o possuis desde o começo. Mas isto te diverte e é fácil fazer o papel de mulherzinha, por isso o homem te despreza, pois ele despreza o feminino. Mas a pessoa é masculina e feminina, não é só homem e mulher. De tua alma não sabes dizer de que gênero ela é. Mas se prestares bem atenção, verás que o homem mais masculino tem alma feminina, e que a mulher mais feminina tem alma masculina. Quanto mais homem és, tanto mais afastado estás de ti o que a mulher realmente é, pois o feminino em ti mesmo te é estranho e desprezível. (JUNG, 2010, 263).

Considero, por fim, nesse segmento o posicionamento da filósofa norte-americana Judith Butler para determinar o que proponho na presente pesquisa, visando apontar que não se trata apenas de destino. Para Butler, é preciso fazer uma crítica ao feminismo, por acreditar que este deve estar presente para “a defesa de uma desmontagem de todo tipo de identidade de gênero que oprime as singularidades humanas que não se encaixam, que não são “adequadas” ou “corretas” no cenário da bipolaridade no qual acostumamo-nos a entender as relações entre pessoas concretas.” (TIBURI, 2016). Butler afirma o gênero como uma construção social e histórica, sendo produzida através de um discurso que se firma como natural visando uma estratégia de poder e dominação.

Os limites da análise discursiva do gênero pressupõem e definem por antecipação as possibilidades das configurações imagináveis e realizáveis do gênero na cultura. Isso não quer dizer que toda e qualquer possibilidade de gênero seja facultada, mas que as fronteiras analíticas sugerem os limites de uma experiência discursivamente condicionada. Tais limites se estabelecem sempre nos termos de um discurso cultural hegemônico, baseado em estruturas binárias que se apresentam como a linguagem da racionalidade universal. Assim a coerção é introduzida naquilo que a linguagem constitui como domínio imaginável do gênero. BUTLER, p.28

Á vista disso, é utilizando tal concepção que esta pesquisa se guia, pois entendo que não é o corpo; o exterior; o “molde” que define quem se é, pois considero que não é possível abarcar uma totalidade ao dizer que determinada pessoa é “isso ou aquilo” a partir do seu corpo físico, a partir das marcas que

se convencionaram como designantes do gênero. “De modo que o corpo, sem seu sentido filosófico tradicional de “essência”, é um campo de possibilidades interpretativas, um campo dialético aberto a novas interpretações (BUTLER, 2010). É por isso, portanto, que esse tipo de generalização isoladamente não é capaz de definir alguém enquanto mulher.

As práticas de diferentes propostas de círculos possuem legitimidade: sejam círculos apenas masculinos, femininos e/ou mistos e em suas particularidades devem ser realizados, pois concebe a chave para exercícios que trabalhem a coletividade, de forma a compreender e reconhecer a interdependência que há entre os humano; de que precisa-se do outro de modo essencial, reafirmando a interconexão entre os participantes, refletindo a experiência humana como um todo se compondo em aspectos físicos, emocionais e espirituais. Todas essas facetas da experiência humana são igualmente importantes e oferecem contribuições essenciais à vida coletiva. O equilíbrio entre esses aspectos é vital para a saúde dos indivíduos e das comunidades. (PRANIS, 2010).

Sigo, por conseguinte no intento de retratar que nos círculos de mulheres que complementaram esta pesquisa não há a consideração de que a mulher participante do mesmo será exclusivamente cis, sendo todas bem vindas em no espaço torna-se aberto também para aquelas que não menstruam, para as que não tem útero, para as que se definem com identidade opostas ao biológico.

A respeito dos círculos estudados, embora o grupo não considere que as participantes devessem ser exclusivamente cis-gênero, estes foram contemplados por mulheres que em sua totalidade eram cis-gênero, sendo

estas, portanto, as quais serão retratadas na pesquisa em questão, considerando a impossibilidade de abarcar a totalidade no que se refere à complexidade e múltipla variação de possibilidades que compõe as vivências descritas.

## **CAPÍTULO 2**

### **ESPIRALANDO AO CENTRO DE NOSSO SER SOMOS A TEIA E QUEM A TECE. SOMOS O SONHO E O SONHADOR**

#### **2.1 A produção cultural de baixo para cima**

Ao compreender a produção cultural como espaço de mediação entre diferentes concepções, sendo operadores de um processo de construção de mundo pode-se afirmar, assim, que nos círculos de mulheres nos quais me aprofundo isso não é diferente. Ao realizar e facilitar esse tipo de atividade a mulher ou as mulheres podem ser vistas como produtoras e mediadoras de espaços de disputa que precisam ser vistos e valorizados. A produção cultural e a figura de um “produtor espontâneo” perpassam o universo dos círculos de mulheres, pois pode ser visto como um agenciamento coletivo de afetos e gerador de potências; com potencial transformador social.

Esse conceito de potência é defendido por Spinoza (2009) e enfatizado por Peter PalPelbart (2003) ao desenvolver um pensamento de que a potência gerada não é apenas individual, mas a força de uma coletividade. Ao pensar nas influências que a cultura capitalista-machista-patriarcal estabelece na sociedade e principalmente nas mulheres, não se pode desconsiderar que uma forma legítima de reativar as singularidades plurais é a partir do fortalecimento dessas que são socialmente criadas com preceitos de rivalidade e limitações do direito de exercer sua autoridade em relação à sua própria vida; suas decisões e ações. A realização de círculos, cujo embate põe em evidência aquilo que permanece oculto ou invisível, representa uma prática transformadora; “filosofia da emancipação”.

Esses encontros estruturados em reuniões podem variar no que se refere ao tipo de local que será realizado, tempo de duração e características gerais da vivência. Ainda que existam diretrizes, características e princípios básicos que são oriundos de práticas ancestrais, dificilmente os círculos de mulheres serão idênticos, ainda que tenham a mesma finalidade e sigam semelhantes objetivos de crescimento espiritual, mas suas práticas e seus métodos de trabalho assumirão formas diferentes. Cada círculo é um círculo. Ainda que os encontros não tenham conexão e motivação mística e espiritual, sempre será uma oportunidade para as mulheres se reunirem, compartilharem anseios, sorrisos, superações, conquistas, dores ou perdas e ainda recebem auxílio, orientação, suporte ou cura.

Spinoza sugere que os encontros nos mobilizam e se o mundo é uma eterna construção, mas que a própria estrutura é moldável, então essa produção espontânea pode aparecer como reativadora de forças. Nesse sentido entende-se a elaboração de círculos de mulheres como iniciativas espontâneas que a partir do pioneirismo e horizontalidade buscam consolidar-se entre diversos espaços, possibilitando uma organização coletiva e com potencial de transformação através de grupos que criam compatibilidades – caso contrário são apenas pessoas que se esbarram –, além de se tornar referência para outros grupos espontâneos.

Pensar essa atividade como uma política cultural baseada em segmentos comunitários confere, visto que promove a participação popular; a fruição cultural e consegue suprir demandas da democracia cultural ao promover acesso à criação e formulação de ações. Um acontecer solidário com múltiplas vozes se posicionando possibilita maior abrangência de participação,

e, esta só existe quando é criado um ambiente de convite a vivenciar aquilo e viável de pertencimento. Ao considerar que o Estado é o resultado da forma como a sociedade civil se estrutura, manifestações de contra-hegemonia tem um caráter significativo e alterador de realidade.

A primeira questão a se tratar antes de se criar um círculo é definir sua finalidade, que depende da intenção e de onde tem origem [...] Independentemente do perfil do círculo, certas premissas básicas são imprescindíveis para a sua estruturação. Em círculos não estruturados, a energia torna-se caótica e dispersa; naqueles que tem uma boa estrutura, a energia é direcionada de acordo com o objetivo escolhido. (FAUR, 2011, pg. 76)

A necessidade de um facilitador com intenção e compromisso para a realização da prática é indispensável, onde para a/as mulher/es dirigente/s já cabe um papel de produtora/mediadora cultural ao assumir uma liderança necessária, ainda que por revezamento; horizontal e compartilhada, para que a vivência se dê. Esse é um momento em que é fundamental o compromisso de assumir e manter o encontro, pois caso contrário ele se perde em propósito. É importante que uma organização prévia seja realizada entre aquelas que irão conduzir a cerimônia e por vezes seja necessário, ainda, delegar funções e tarefas para antes, durante e depois da cerimônia.

Ainda que os círculos de mulheres possam ser divulgados em suas variadas formas, os eventos pesquisados se deram através do “boca a boca”, de forma que aquela que recebeu um convite pode convidar outras mulheres e assim sucessivamente, propondo captar a ideia de que a linguagem tem valor e significado e o grupo rompe uma lógica que se prende à necessidade da utilização de uma divulgação mais ampla através da internet ou publicidades, considerando a importância de manter a conexão entre aquelas que vivenciam para além de um encontro isolado, mas a construção de redes fortalecidas.

Organizar dessa forma também corresponde à características da produção cultural espontânea, que busca realizar essa mediação para além de uma submissão às estruturas, servindo também para resistência; recriação e ressignificação por parte de quem o produz e de quem vivencia. O pensador comunista Gramsci (1982) propõe que, enquanto sujeitos, somos todos intelectuais e isso não se restringe a formação acadêmica, por conseguinte todos pensam e criam a partir de seus contextos. As classes, nesse sentido, se constroem em sua relação:

Todos os homens são intelectuais, poder-se-ia dizer então: mas nem todos os homens desempenham na sociedade a função de intelectuais. Quando se distingue entre intelectuais e não-intelectuais, faz-se referência, na realidade, tão-somente à imediata função social da categoria profissional dos intelectuais, isto é, leva-se em conta a direção sobre a qual incide o peso maior da atividade profissional específica, se na elaboração intelectual ou se no esforço muscular-nervoso. Isto significa que, se se pode falar de intelectuais, é impossível falar de não-intelectuais, porque não existem não-intelectuais. [...] Em suma, todo homem [e toda mulher], fora de sua profissão, desenvolve uma atividade intelectual qualquer, ou seja, é um "filósofo", um artista, um homem de gosto, participa de uma concepção do mundo, possui uma linha consciente de conduta moral, contribui assim para manter ou para modificar uma concepção do mundo, isto é, para promover novas maneiras de pensar. (GRAMSCI, 1982, p. 6)

Considero a importância desse tipo de prática colaborativa através de encontros unicamente femininos, que promove uma liderança por parte das mulheres diante de uma sociedade majoritariamente machista e patriarcal. Essa quebra de paradigmas não se dá automaticamente, mas se estabelece a partir de um processo de identificação da cultura hegemônica na qual entende-se uma dominação e opressão à figura da mulher em espaços para a realização de atividades que sejam exclusivamente para elas, sem tirar o valor de encontros mistos e também unicamente masculinos.

Tal problematização não é algo dado, mas pode ser despertada através desse tipo de produção crítica e contestadora que reflete diretamente na sociedade. Quando chega ao sujeito já interfere e constrói um novo olhar na forma em que esta vê e age no mundo. O trabalho da produção social de cultura se dá através dessas lutas estabelecidas onde os agentes e espectadores são receptores, e não inertes. Possuem papel ativo na construção de uma sociedade igualitária e livre. Williams (1979) estabelece que nunca haverá uma dominação total; um público totalmente dominado por uma força externa pré existente, única e homogênea, sempre sendo possível criar brechas.

É com a concepção do Ser produtivo que estabeleço a produção cultural existente nos círculos de mulheres pesquisados, considerando que a coisa mais importante que uma pessoa produz é a si mesmo. A arte e a cultura estão diretamente ligados à práxis humana, concluindo que estes não só são reproduzidos, como produzidos em processos concretos, articulações reais e embates.

As ideias incorporadas e vivenciadas nos círculos tem potencial de se tornarem dominantes por meio de fronteiras móveis e o ato de facilitar a vivência “de baixo para cima” acaba por gerar agentes de contágio que possibilitam transformações no grupo como um todo, onde se reconhece na mulher que idealiza e a que a participa do círculo como mestre; repositório de conhecimento e cria uma maior valorização do próximo; reinando a empatia, que tem relação direta de impacto às instituições e convenções.

## CAPÍTULO 3

### O CÍRCULO DE MULHERES

#### 3.1 Origem, declínio e permanência

Círculos de mulheres fazem parte dos incontáveis atos realizados na forma circular ao longo da existência do ser humano com suas inúmeras finalidades. Percebe-se fluidez em reuniões que se dão em forma circular, visto ser um símbolo antigo e universal que não dispõe de lideranças ou hierarquias, mas que possibilita transformações pessoais e coletivas. Nesse formato todos podem se enxergar enquanto coletivo. Sua forma perfeita faz parte de raízes tribais da maioria dos povos e não são processos desprovidos de valores. Essa sabedoria ancestral perpassa séculos e oferece ensinamentos tradicionais como “a afirmativa de que tudo no universo está ligado e é impossível isolar algo e agir sobre aquilo sem atingir todo o resto [...] tudo está conectado” (PRANIS, 2010).

Os antigos templos, os círculos de menires, as rodas nativas e sagradas de cura, os círculos mágicos e dos conselhos, as danças sagradas, as fortificações, os anéis e escudos de proteção reproduziam a forma sagrada do círculo, que permeou durante milênios crenças e conceitos, cerimônias e rituais, bem como o pensamento filosófico e religioso. A aplicação prática desse símbolo sagrado levou a criação da roda – da carroça, da moenda e do oleiro – que permitiu o progresso da civilização (FAUR, 2011. P. 50).

É possível designar diversas possibilidades de encontros comunitários circulares, sendo finalidade de alguns destes o “diálogo; psicoterapia; dramatização; contação de histórias; estudos; ativismo; expansão da consciência; cura; paz; danças; corais; arte; artesanato; cerimônias; rituais; ritos de passagens; recuperação de vícios; encontros de mulheres; adolescentes; homens; casais...” (FAUR) e embora esse tipo democrático de arranjo nunca tenha sido esquecido e permaneça presente, o contexto histórico

influenciado principalmente por períodos de perseguições e opressões femininas fez com que muitas mulheres que os realizavam se calassem.

“No início as pessoas oravam para a Criadora da Vida.  
No alvorecer da religião, Deus era mulher”<sup>2</sup>

Refiro-me nesse momento principalmente ao período de Inquisição<sup>3</sup>, onde se criou um imaginário coletivo a respeito da figura da mulher-bruxa e suas práticas. Na realidade, as mulheres perseguidas durante esse período detinham anteriormente um papel importante nas sociedades e na religião, sendo provedoras de sabedorias ancestrais de cura e de uma íntima relação com a natureza, conectadas com todas as formas de vida sendo, portanto, mulheres livres, donas do seu próprio saber e em busca do auto conhecimento.

As mulheres conheciam os mistérios da vida e da morte (por vivê-los mensalmente nos seus ciclos menstruais, no ato de dar a luz e nos cuidados com os moribundos e doentes) e tinham o dom da cura (por conhecer as ervas e saber como usá-las). Devido a sua sensibilidade e percepção expandida, elas eram as mediadoras nos intercâmbios entre seres humanos e espíritos da natureza, os ancestrais e os seres sobrenaturais. Por isso durante muitos milênios, foram elas as parteiras, benzedoras, curandeiras, sacerdotisas e profetisas, encarregadas de realizar as festividades de plantio e colheita, os ritos de passagem, as bênçãos e as proteções, o culto aos mortos, as previsões e a reverência as divindades. (FAUR, 2011. p 30)

Fica claro que presença do Feminino e seus arquétipos na dimensão da sacralidade e também das divindades atualmente tem pouco espaço e visibilidade, considerando os últimos dois mil anos, seja em vertentes orientais ou ocidentais. Embora se considere que a grande divindade não é macho nem fêmea, continua este sendo chamado de Deus, “Ele”. Entretanto não se pode desconsiderar o peso e importância de um pronome masculino, principalmente

---

<sup>2</sup> STONE, Merlin. *When God Was a Woman*, Mariner Books. 1978

<sup>3</sup> Sobre os períodos de inquisição: RUSSEL, Jeffrey Burton. *História da Feitiçaria: feiticeiros, hereges e pagãos*. Editora Campus, 1993.

quando a prática da língua em geral coloca o masculino para designar tudo que é indistinto ou composto. Por que não Deusa?

Historicamente o princípio sagrado feminino foi personificado com múltiplas facetas e uma série de arquétipos para representar a Grande Mãe na qual civilizações antigas acreditavam, sendo possível extrair mitos de mitologias como grega e celta<sup>4</sup>. Esse conceito de divindade da Deusa trata-se do reconhecimento da energia divina feminina como uma força benevolente, criadora e criativa, de fortalecimento e sustentação às mulheres, as quais podem utilizá-la para proteger, mudar e melhorar suas vidas sem precisar do amparo de figuras masculinas (FAUR).

As representações humanas da Deusa – as mulheres – eram honradas e respeitadas, pois havia uma associação da simbologia da mulher com toda a natureza, mulher esta que tem o dom de gerar a vida e nutri-lo com o leite dos seios, assim como à própria natureza. Esculturas e imagens do período Paleolítico e Neolítico (70 a 30 mil anos atrás) definem representativamente o sagrado ato de geração e nutrição na forma de mulheres, onde esse corpo guarda e revela os mistérios do ciclo de vida, morte e renascimento. Essas estatuetas<sup>5</sup>, assim como gravações em paredes de grutas recolhem aspectos da evolução histórica, cultural e espiritual da humanidade.

Essa concepção foi sendo posteriormente negada e aos poucos apagada por novos dogmas e conceitos oriundos de religiões patriarcais – principalmente judaico-cristãs – além da origem da família e da propriedade privada.

---

<sup>4</sup> Como atestam milhares de estatuetas de mulheres grávidas, amamentando, segurando filhos no colo ou dando a luz, confeccionadas em pedra, argila ou osso. Destas, pode-se evidenciar a Venus de Willendorf

<sup>5</sup> Op. Cit p. 28

Friedrich Engels (1884) considera a família como uma instituição criada e não natural, que se baseia no princípio da herança, visando a propriedade privada a partir da consanguinidade e se posiciona contra essa mentalidade:

A libertação da mulher, na sua equiparação ao homem é e continuará a ser uma impossibilidade enquanto a mulher for excluída do trabalho social produtivo e limitada ao trabalho privado doméstico. A libertação da mulher só se tornará possível quando ela puder em grande escala, em escala social, tomar parte na produção e o trabalho só a ocupar em grau insignificante. (ENGELS, 1884)

É pertinente também levar em conta a Teoria do Matriarcado, revelada anteriormente pelo antropólogo suíço J.J. Bachofen (1861) que pressupõe a ideia de que as sociedades praticavam a poliandria<sup>6</sup> e que, portanto, não havia noção de parentesco direto ao pai, pelo fato da linhagem ser matrilinear; a mãe como geradora.

Em uma transição da sociedade de coleta para uma sociedade de caça e conquista fica estabelecida uma nova estrutura social. O costume de cercar terras pelos vitoriosos em guerras para estampar seu poder passa a exigir das mulheres a fidelidade sexual – e diria escravidão sexual, já que em origem, a palavra família é oriunda de *famulus*: conjunto de escravos domésticos de um mesmo homem. A ideia designada é de que os bens e espaços conquistados à base de sangue; suor e da exploração de outrém fosse destinado impreterivelmente à um descendente legítimo.

Como as mulheres não participavam das guerras na mesma escala que os homens, o seu poder social, cultural e espiritual, antes respeitado e honrado, declinou, cedendo lugar ao novo sistema androcrático e hierárquico, cujos valores e objetivos eram o domínio, a exploração e o extermínio pela violência (FAUR, 2011 p 32)

---

<sup>6</sup> Poliandria é o ato de uma mulher se relacionar simultaneamente com vários homens, de forma a desenvolver um estado coletivo de relacionamento.

Em um contexto religioso ocidental, com o intuito de dar sustentação e legitimidade à nova cultura patriarcal e guerreira, os antigos mitos foram reescritos de modo a enfatizar os poderes e magnificências de um Deus Pai único criador. Uma visão dualista, hierárquica e patriarcal que foi repetida, encenada, escrita, falada, cantada e ensinada por vinte séculos acabou por tornar-se verdade aceita e pouco questionada, considerando o temor aos pecados e às punições.

Na visão dualista e patriarcal, houve uma distribuição desigual de valores; tudo o que era bom, nobre, valioso, luminoso, benéfico, coerente, fixo, racional e mensurável foi atribuído ao princípio masculino e aos homens, criados à semelhança do Deus imutável e transcendente. As energias mutáveis da Natureza e da mulher tornaram-se sinônimos de imperfeição, do perigo e do instinto selvagem e irracional, que deveria ser dominado e controlado. As mulheres foram associadas à escuridão, ao pecado, ao mal, a luxúria, a irracionalidade, a impulsividade, a imprevisibilidade, a inconstância e a todos os perigos carnis e sexuais.(FAUR, 2010 p 38)

Ainda para sustentar essa nova cultura patriarcal e guerreira, as datas das ancestrais festividades pré cristãs no continente europeu, antes chamadas de Roda do Ano<sup>7</sup> pela crenças dos pagãos permaneceram nas datas e costumes cristãos dos seus equivalentes, assim como alternância de arquétipos de deusas para santas. Todavia, apesar postura misógina e falocêntrica da religião cristã, permaneceu viva em seus preceitos a figura de Maria como representação da Mãe Divina no ocidente, figura esta que mais se aproxima da imagem da Deusa, mas que no entanto exalta apenas uma parte do feminino e como modelo de um papel ela apresenta uma impossibilidade – uma mãe que concebeu sem antes ter tido relações sexuais (MOOREY, 1997)

---

<sup>7</sup> A roda do ano trata-se de uma forma de marcar a passagem do tempo com festividades através de associação destas com o céu, a terra, o sol e a lua, as estrelas e a natureza ao redor. Trata-se de uma celebração cíclica do tempo, além de reverenciar e religar uma conexão com as forças naturais e os seres espirituais.

permanecendo evidente na arte e em inúmeras igrejas, mas que parece ainda favorecer pouco as mulheres e o feminino.

O declínio da imagem dessa Deusa para a imagem do Deus é ainda a perda de um sentido de imanência, no sentido de que implica ao relacionar que a divindade está em tudo, no interior da matéria, tudo é sagrado. A posterior concepção de um Deus Pai trata o divino como exterior à si; está do lado de fora de sua criação.

No entanto, o retorno desse culto à mulher Maria mais uma vez se torna ameaça aos olhos da opressão patriarcal institucionalizada pela igreja, que sentia sua doutrina ameaçada diante do preenchimento da ausência de uma figura arquetípica feminina que oferecia aos cristãos compaixão, amor e proteção. O culto da Virgem, entretanto, foi um esforço limitado e sem consistência para reestabelecer um princípio feminino no conceito de divindade e seu declínio no cristianismo pode ser visto como um retrocesso, pois “quando qualquer princípio é exagerado, tende a criar uma sombra, uma imagem no espelho, um princípio oposto. O exagero de bondade e a pureza da mulher no amor cortesão e o culto da Virgem criaram a imagem-sombra da megera, da bruxa.” (RUSSEL, 1993).

Se nas antigas religiões a bruxa era uma manifestação de um ser espiritual; uma deusa, na Europa Cristã essa imagem da bruxa foi projetada em seres humanos, passando a ser entendida não apenas como feiticeira, mas como a encarnação de uma figura demoníaca, perversa e depravada. Para fins de acabar com a ameaça da valorização de uma figura feminina e ampliar o poder da igreja por interesses econômicos e ainda beneficiar a classe médica que vingara – para que se livrassem da concorrência às parteiras, benzedeadas

e curandeiras a Igreja Cristã alimenta o que foi chamado de caça às bruxas, período que durou pelos séculos XVI e XVII, durante a Idade Média.

As palavras “bruxa” e principalmente “bruxaria” não estão presentes em todas as línguas, no entanto, maior parte das línguas europeias conhecidas ou das línguas de origem europeia utiliza-se de um termo comumente presente no vocábulo do dialeto ou língua para referir-se às mulheres “Sábias”, que foram negativamente estereotipadas como “*que se entregam de corpo e alma à adoração do Demônio ou Chifrudo e da Senhora das Fadas e do Jogo e que fazem pacto com o Diabo e participam da celebração noturna do Sabbath Bruxesco*”, presente na cultura europeia e disseminada, com maior ênfase, pelas lendas populares e folclores europeus ou eurodescendentes, decorrentes de um período anterior ao Cristianismo entrar em cena na Europa e/ou, mais precisamente, das perseguições aos hereges e adeptos de religiões pagãs na idade média.[...] A origem do termo “bruxa” no português, assim como suas variantes no espanhol, no catalão, no ocitano, no galês e no romeno, desenvolveu-se na antiguidade tardia na língua galo-romana, a partir de uma etimologia, “*brixta*” e “*briptom*”, com o significado de ‘*encantadora*’ e ‘*encantamento ou encantos*’, proveniente das palavras galo-romana “*brixia*” ou “*vrixia*” e grega “*vryki*” ou “*bryx*” ou “*bryce*” enquanto exônimo às mulheres, designadas na língua francesa por “*uidluias*”, que ‘*conheciam os Mistérios*’ isto é, as sacerdotisas iniciadas na Arte dos Sábios ou “*Mysteria*”, magas presentes em todo o mundo greco-romano e na Inglaterra, França, Alemanha e Península Ibérica, as quais, mais tarde, viriam a ser acusadas de lançar feitiços ou pestilências para arruinar as colheitas ou plantações e transformarem-se de forma para voos noturnos ao extasiante Sabbath bruxesco, em uma conspiração “diabólica” contra a Igreja. (DHYLLAN, 2016)

A sociedade começa a se fundamentar em um alicerce cristão, porém deturpado por interesses diversos e o folclore da bruxaria foi influenciado pelas tradições literárias, sendo criada nesse contexto a carta Maleus Malleficarum – o Martelo das Bruxas, em 1486 de autoria de Heinrich Institoris – estipulando o que seriam condutas típicas a caracterizar uma pessoa como “bruxo” e, conseqüentemente, praticantes de heresia, tornando-se o argumento oficial a acusar e julgar muitas mulheres e homens como hereges. O medo dos poderes do diabo foi um dos principais ingredientes dessa caça. Essas “heresias”, entretanto, estavam longe de serem diabólicas e caracterizavam-se, em suma, por um fervoroso desejo de reforma moral da Igreja.

A medida que a lei endurecia ao longo dos anos, encorajava as buscas ativas os ditos bruxos. Antes do século XIII a acusação pessoal contra um indivíduo era a única maneira de levar aquele à julgamento. Entretanto os bispos já estavam a criar e iniciar em suas dioceses as inquisições – investigações de cunho formal. Os tribunais passam a buscar ativamente culpados malfeitores e quando as autoridades passam a procurar, ao invés de aguardar passivamente acusações, se inicia em definitivo o tempo das perseguições, convertendo a identificação da feitiçaria como algo cômodo, burocrático e legal.

Eram consideradas as principais heresias, dentre várias “as cavalgadas noturnas, o pacto com o Diabo, o repúdio formal ao cristianismo, as reuniões secretas e noturnas, a profanação da eucaristia e do crucifixo, a orgia, o infanticídio sacrificial e o canibalismo” (RUSSEL, 1993). Quer as acusações fossem válidas ou não, verídicas ou não, bastaram para que as mulheres tivessem as suas reverências a si, aos seus corpos, seus ciclos, seus dogmas, seu poder social, cultural e espiritual, antes respeitado e honrado para neste momento serem perseguidas, torturadas e a partir do século XI, frequentemente eram impostas à morte nas fogueiras.

Uma vez acusadas, não havia como escapar das torturas e à morte, seguidas do confisco de seus bens, que passavam a ser propriedade da Igreja, que incentivava os delatores com recompensas. A alma coletiva feminina ficou para sempre marcada com pavor de revelar conhecimento mágico e poder espiritual, pavor que explica os séculos de retraimento, em que as mulheres se deixaram anular, aceitando e conformando, em silêncio e sem reagir, com a dominação, a exploração dos seus corpos e trabalho, os abusos e as violências perpetradas pelos homens. A inquisição devastou toda a Europa, se espalhou pela América e somente em 1784 as torturas e as fogueiras foram abolidas. (FAUR, 2011 p. 41).

Séculos de perseguições incluíram homens e mulheres, mas a acentuada correlação social é a existente entre bruxaria e mulheres. Durante

toda a caça às bruxas, o número de mulheres acusadas foi no mínimo o dobro dos homens. A razão desse sexismo e misoginia, segundo Midelfort (1972) observa no século XVI sugere possivelmente ao fato de que as mudanças demográficas produziram um número superior ao usual de mulheres que viviam sozinhas. Tais pessoas, “isoladas, infelizes, empobrecidas e rabugentas” eram um fácil alvo para as acusações. Essas mulheres que viviam sem apoio da família patriarcal tinham pouca, quiçá nenhuma influência e deveriam se virar da forma que pudessem. Uma vez que essa mulher livre era associada à mulher solitária e a um crime, não havia como se livrar das suspeitas.

Toda e qualquer expressão de sua sacralidade foi interpretada com olhar maléfico e a própria fragilidade da posição social das mulheres – ainda as viúvas ou solteiras – tornava, aos olhos dos inquisidores, mais seguro do que acusar homens, os quais detinham maior força política, financeira e física. Tais atrocidades são expostas nos escritos do *Malleus Maleficarum*, por Institoris, onde sugere com discurso misógino de ódio e impregnado de medo das mulheres:

Que outra coisa é a mulher senão uma inimiga da amizade, uma punição inevitável, um mal necessário, uma tentação natural, uma calamidade desejável, um perigo doméstico, um detrimento deleitável, uma perversidade da natureza, pintada em belas cores? A palavra mulher é usada para significar a luxúria da carne, como se costuma dizer: encontrei uma mulher mais cruel do que a morte e uma boa mulher mais sujeita à luxúria carnal. [As mulheres] são mais crédulas; e como principal objetivo do Diabo é corromper a fé, ele prefere, portanto, ataca-las [em vez dos homens]. As mulheres são naturalmente mais impressionáveis... Têm línguas pérfidas e são incapazes de esconder de outras mulheres aquelas coisas que sabem por artes diabólicas... As mulheres são intelectualmente como crianças... Ela é mais carnal do que o homem, como é evidenciado por suas muitas abominações carnis... É um animal imperfeito, sempre enganadora... Portanto, uma mulher pérfida é, por natureza, mais fácil de vacilar em sua fé e, conseqüentemente, mais rápida em abjurar da sua fé, o que está na raiz da bruxaria... Assim como através do primeiro defeito de sua inteligência elas são mais propensas a abjurar da fé, também através do segundo defeito de afeições e paixões desordenadas elas buscam, ruminam e infligem vinganças várias, seja por meio de bruxaria ou de alguns recursos. As mulheres também tem memória fraca; e é um vício natural delas não

serem disciplinadas mas seguirem os seus próprios impulsos sem o menor senso do que é apropriado. Ela é mentirosa, por natureza... Consideremos também seu modo de caminhar, sua postura, sua indumentária, em que é a vaidade das vaidades. (Malleus Maleficarum, traduzido por Montague Summers (Londres, 1928, p.43)

A caça as bruxas começa a declinar no século XVII, cessando em meados do século XVIII através de novos estatutos que declaravam que denúncias e demandas não seriam mais iniciadas ou levados contra qualquer pessoa ou pessoas por bruxaria e a crença diabólica declinou até seu desaparecimento, exceto na lenda e na literatura, onde a imagem da bruxa permanece em imaginário popular a figura de uma mulher velha, medonha que fazem magia e encantos, além de voar por cima de vassouras.

Considero que a bruxaria declinou porque uma nova cosmovisão<sup>8</sup> fez dela uma superstição e a revolução religiosa seguiu-se à revolução filosófica. O pensamento religioso “liberal” que resultou do Iluminismo abandonou a antiga luta entre o bom Deus e o Diabo perverso. “Depois de 1700, poucas pessoas com qualquer pretensão à respeitabilidade intelectual se atreviam a afirmar sua crença em bruxaria. O clero, por seu lado, ou modificou seus pontos de vista para refletir as novas ideias ou descobriu estar pregando no deserto.” (pf 111)

Apesar de séculos de trauma, os antigos encontros femininos nunca deixaram de se acontecer, originando os primeiros covens<sup>9</sup> na tentativa de manter vivos os ensinamentos e sabedorias milenares ancestrais e também orar, reverenciar, celebrar e comemorar, bem como realizar o compartilhamento de conhecimentos naturais de cura e cânticos..

---

<sup>8</sup> Compreende-se como cosmovisão a forma como alguém percebe e realiza sua vida e ideologia como um todo. Pode ser aprofundado através do trabalho de *Cosmovisão: Uma Introdução* de Mark Blocher.

<sup>9</sup> Coven é o nome dado ao grupo de até 13 pessoas – a partir disso denomina-se clã – e que começaram a ser estabelecidos no período de Inquisição, com o objetivo de resguardar e manter vivo as práticas, os registros, conhecimentos. São práticas que já desenvolviam as ideias dos círculos de mulheres.

Em tempos contemporâneos os encontros circulares se tornaram um caminho para a conexão e resgate de si. A poetisa Adrienne Rich<sup>10</sup> retratou que as “conexões com e entre as mulheres são as mais temíveis, mais problemáticas e as forças mais potencialmente transformadoras do planeta” e essa afirmação de fato parece proceder, considerando que a tradição não é um resíduo, a exemplo da linguagem, mas sim uma expressão viva e forte que pode e deve ser modificada.

No que se refere à forma circular, é possível associá-la também às interpretações do tempo, visto que seu perímetro contínuo e sem interrupções pode ser facilmente associado aos ciclos da lua; das colheitas; das marés; da lactação dos bichos. O tempo na natureza também é circular. Baseada principalmente em antigas civilizações pagãs e diferente do atual modelo judaico-cristão de tempo linear, que segue acelerado e sempre para frente – onde os ciclos sazonais acabam passando despercebidos – é válido retomar um tempo circular celebrado através de antigas celebrações

*“O ano é uma mulher dançarina, nascida no início da primavera. O ano é uma Deusa dançarina e sobre seu nascimento, crescimento e morte nós cantamos”. FAUR, 2011*

O ciclo lunar possui grande influencia na vida das mulheres e uma conexão direta que perpassa séculos da antiguidade. Por ser um satélite muito próximo à Terra, acaba por afetar todos os seres, em especial as mulheres quando associa-se o ciclo de 28 dias da lua com o ciclo menstrual, em média com 28 dias. Quando essa associação se dá por parte da mulher a respeito de seus ciclos, percebe também as fases circulares que todo mês virá a vivenciar: pré-menstruação, menstruação, pré-ovulação e ovulação e quando esta se

---

<sup>10</sup> Seu trabalho pode ser aprofundado através da pesquisa de Juraci Andrade de Oliveira Leão *ESCRITA, CORPO E AÇÃO: A POÉTICA E A POLÍTICA DE ADRIENNE RICH*. Disponível em <[http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ECAP-798H3Y/tese\\_vers\\_o\\_pdf.pdf?sequence=1](http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ECAP-798H3Y/tese_vers_o_pdf.pdf?sequence=1)> Acesso em 20 de julho de 2016

auto conhece, ascende também sua autoconfiança, onde se pode perceber e valorizar sua sacralidade enquanto ser completo e independente; geradora de vida, embora sangre todo mês; compreendendo as possibilidades e limitações que aquela fase vai lhe proporcionar, mudando também sua consciência a respeito dos padrões criados.

Além disso esse tipo de associação “também resume completude e equilíbrio, pois as fases podem ser representadas num círculo dividido em quatro partes, na forma de uma cruz [...]. Desse modo, seguindo no sentido horário, a Lua Nova, negra, aparece em oposição à Lua Cheia, fase crescente em oposição a fase minguante, e o ciclo aparece em sua totalidade. Tais valores são usados em rituais pois seu efeito sobre o inconsciente é poderoso. As quatro fases: nova, crescente, cheia e minguante podem então ser ligadas aos quatro elementos tradicionais que compõem nosso mundo – terra, ar, fogo e água, também relacionados respectivamente com o norte, o leste o sul e o oeste, os quadrantes que definem nosso espaço” ( MOOREY, 1997), tornando-se um conjunto completo de elementos que correlacionam a conexão da mulher com o todo.

Para facilitadoras de círculos de mulheres contemporâneos, costuma-se utilizar algum ou todos desses elementos, dentre outros, para a realização da ritualística de forma à retomar àquelas participantes a consciência de que há uma relação pessoal para com o universo. Não se pode dizer que há regras, mas em geral, realizar um círculo feminino em uma data específica do ciclo lunar e reconhecer as influências do mesmo em seu corpo e mente tornou-se uma característica comum na maioria deles, o que torna o encontro uma grande troca de experiências em vários campos de conhecimento e se torna

mais acessível às que não estão habituadas com esse tipo de analogia e aquelas que não percebem sozinhas a conexão entre o corpo físico e o cosmo.

O que diferencia esse tipo de reunião de qualquer outro encontro feminino é puramente a intenção de realizar um encontro que reúne mulheres, conhecidas ou não, em um espaço de troca que visa tratar de assuntos e questões em comum: o ser mulher. Em uma sociedade patriarcal que muitas vezes inibe a possibilidade de interação e sociabilidade entre as mulheres, reuni-las para discutir seus viveres; seus corpos, seus ciclos; sentimentos; anseios; medos; a complexificação das relações sociais; suas experiências e seu caminhar no mundo se torna um ato revolucionário que bate de frente com a moral social que entranha uma teia de significados cujos mesmos parecem prende-las e amarrá-las em sistemas de valores.

Círculos de mulheres tem o papel intrínseco de impactar as instituições e convenções estabelecidas pela moral imposta. Sendo a sociedade formada por indivíduos os quais suas formas de agir e praticar ações cotidianas são representações e formas do seu pensar, pode se entender isso como consciência individual. A forma de pensar; a consciência coletiva não pertence a nenhum indivíduo em particular, mas sim é imposta, tem um caráter conservador e coercivo. Essa consciência coletiva constrange as consciências individuais, todavia, é transformável e possível revelar a dimensão do esclarecimento.

A prática pode ser realizada em todos os lugares, desde espaços específicos para realização de terapias, encontros e ritualísticas sagradas até espaços triviais como a casa de algum participante ou um ambiente a céu aberto. Realizados com mulheres em roda, geralmente no chão e suas

temáticas se desenvolvem de forma fluida e sem pressão quanto à necessidade da fala ou qualquer determinação cartesiana que preza pelo sistemático em excesso. O círculo sagrado é feito para criar Unidade.

Durante o processo percebe-se que o ritual vai tomando sua própria forma e seguindo sua própria espiral onde com suavidade e compaixão entre as mulheres que tendem a descobrir-se parecidas em aspectos imprevistos, embora talvez nunca tivessem se conhecido ou conversado. É possível que se estabeleçam métodos introdutórios ao iniciar um círculo, que dentre as incontáveis possibilidades pode ser este um tema pré-estabelecido; um capítulo de livro; uma dinâmica ou prática; canções; dentre outros, a fim de dispor a expressão livre dos dons e aptidões individuais, incentivando e problematizando questões às outras através de histórias e narrativas sobre fatos e vivências comuns a todas.

A partilha dos discursos introdutórios se torna algo significativo pelo fato de muitas mulheres, nesse momento, apesar de estar diante de uma situação que pode ser nova ou não, descrevem a prática como o despertar de uma memória coletiva; a sensação de estar diante de uma realidade de empatia que sempre as pertenceu, onde a sabedoria se dá através dos discursos pessoais e finalmente promover o sentimento de sororidade – que designa a irmandade e respeito inato entre mulheres, acima de qualquer convenção imposta onde há uma importante necessidade e urgência de ressignificar o espaço de mulheres e a possibilidade de estarem juntas e unidas no ambiente coletivo, atribuído pelo desenvolvimento pessoal/individual. Marcela Lagarde de Los Ríos explica:

La sororidades una dimensión ética, política y práctica del feminismo contemporáneo. Es una experiencia subjetiva de las mujeres que conduce a la búsqueda de relaciones positivas y a la alianza

existencial y política cuerpo a cuerpo, subjetividad a subjetividade com otras mujeres, para contribuir a la eliminación social de todas las formas de opresión y al apoyo mutuo para lograr el poderío genérico de todas y el empoderamiento vital de cada mujer.

La sororidad es la conciencia crítica sobre la misoginia, sus fundamentos, prejuicios y estigmas, y es el esfuerzo personal y colectivo de desmontar la en la subjetividad, las mentalidades y la cultura, de manera paralela a la transformación solidaria de las relaciones con las mujeres, las prácticas sociales y las normas jurídico políticas (LAGARDE DE LOS RÍOS, 2012).

É importante tornar comum o uso de um termo que represente a união intrínseca especificamente entre as mulheres; uma irmandade maior. A analogia referente aos homens seria a da fraternidade, cujo significado corresponde ao mesmo, já que, de origem latina, o termo *sóror* associa-se à irmã, enquanto *frater* à irmão. Considero esse desenvolvimento como a resultância maior e mais importante que a prática resulta, visto que o empoderamento feminino é fortalecido por meio da visibilidade e do esclarecimento. Resgatar o uso desse termo se torna também significativo, já que a palavra fraternidade foi adotada socialmente, visto que o patriarcado visa abarcar todas as dimensões.

A sororidade é desenvolvida por meio de uma ritualística ancestral onde para essas mulheres que estão em roda, estar se reconectando com os ciclos e círculos femininos possibilita uma harmonização com o ritmo da natureza e, portanto com seu ritmo natural. Há uma essência feminina que por vezes fica em segundo plano e há certo afastamento; desconhecimento que se faz diante da linearidade dos tempos modernos e principalmente diante da rivalidade feminina que muitas vezes é imposta socialmente através das instituições e das grandes mídias, sendo, portanto fundamental a possibilidade de uma prática que se faz num espaço exclusivo à elas.

Esta é uma mudança de valores que se dá de forma lenta e gradual, mas que é legítima e está acontecendo, tendo os círculos de mulheres uma fundamental importância nesse processo.

O que se resgata nesses encontros são as ferramentas para o autoconhecimento, a autoconfiança e o despertar do poder e sacralidade femininos, exercer o protagonismo das mulheres no mundo de diversas formas, através de uma atividade coletiva, embora o trabalho seja individual. O círculo de mulheres como prática permeia a delicadeza e o ato político – embora não seja uma discussão política – enquanto haja a utilização de espaços que promova esse tipo de encontro, cuja necessidade é urgente em tempos conturbados no âmbito da liberdade feminina.

Se na antiguidade os círculos eram ritualísticas sagradas, hoje a intenção é um resgate de auto cura. Reunir mulheres em tempo de discutir questões em comum ou não; pôr em pauta as demandas sociais que as movem e como as influências da moral estabelecida e condicionada podem ressignificar e percorrer sua vida; a possibilidade de se abrir em detalhes íntimos a respeito dos múltiplos “ser mulher” em tempos contemporâneos e a compreensão à respeito da suas possibilidades e limitações individuais, sociais e profissionais que podem ser trazidos a tona.

Essa mulher “dá-se conta, com assombro, da total inutilidade do equipamento moral com que a educaram para percorrer o caminho da vida. As virtudes femininas – passividade, submissão, doçura – que lhe foram inculcadas durante séculos tornam-se agora completamente supérfluas, inúteis e prejudiciais.” (KOLONAI, 1982) ao tempo em que não devem ser desconsideradas, visto que a sociedade capitalista atual acaba por criar um

tipo de mulher que se afasta do seu tempo, suas virtudes femininas. “Esse tipo de mulher é uma consequência natural e inevitável da participação da mulher na corrente da vida econômica e social” (KOLLONTAI, 1982), o que não deve ser desconsiderado, pois

A medida que a mulher participa mais amplamente do movimento da vida social, que se torna uma peça ativa no mecanismo da vida econômica, seu horizonte se amplia. As paredes de sua casa que, para ela, substituíam o mundo, desabam, e se deixa penetrar inconscientemente por interesses que, antes, eram-lhe totalmente estranhos e incompreensíveis. (KOLLONTAI, 1982)

O círculo, portanto, acaba por servir como um equilíbrio entre esses extremos, onde a mulher que ressignifica seu valor através do desenvolvimento pessoal e auto cura; auto fortalecimento; potência, para em seguida iniciar o processo de se harmonizar com as que outras, desnaturalizando o fato de ser socializadas num ambiente hostil e criadas para não se atentarem à sujeição que as rodeia. Criadas para serem desunidas e odiarem a si para que não se reunam ou questionem o patriarcado que as tenta controlar.

E cada vez que um círculo de mulheres se forma a energia feminina que ali é criada possibilita que as participantes percebam o seu poder e sacralidade perante o universo e sociedade. Dentro das diversidades existem embates e lutas que são passíveis de reconhecimento quando se está sujeito a essas influências. Paul Ricoeur (2000) sugere que a identidade é uma narrativa e seu grande problema é a temporalidade, pois o tempo altera as narrativas e, portanto, os sentidos mudam.

A sociedade capitalista domestica a natureza e o inconsciente; a mídia estabelece o comum quando uma mentalidade normativa perpassa o todo e acaba por guiar a opinião; senso comum. Os círculos de mulheres como ato político tem a potência de balançar as estruturas na dimensão das igualdades.

Trabalhar a espiritualidade e o papel social da mulher; desobjetificar seus corpos; valorizar sua sensibilidade e a intuição, que são necessidades urgentes perante uma sociedade que, tendo em vista seus líderes permanecerem majoritariamente homens, não há um investimento realmente atuante no empoderamento feminino, visto que essa subversão da ordem causa estranhamento e disputa de poder.

Nesse sentido é possível compreender o pressuposto de que em um círculo de mulheres se forma como uma teia, cuja estrutura só se fortalece com a organização de cada indivíduo. Aquela que ali está é necessária ao círculo e o círculo é necessário a ela, pelo fato de todas estarem conectadas e serem interdependentes.

## **CAPÍTULO 4**

### **NOTAS SOBRE O CÍRCULO DO CALDEIRÃO LUNAR**

Esta pesquisa teve início outubro de 2014 quando já me era possível perceber um movimento mais ativo principalmente na internet sobre encontros a respeito do sagrado feminino e círculos de mulheres, que até então eram desconhecidos para mim. O interesse foi despertando e o grupo de mulheres da Universidade e o movimento feminista dentro daquele espaço aparecem nesse momento como impulso para maiores desdobramentos a respeito do espaço da mulher na sociedade.

Recebi um convite para o círculo de mulheres de uma colega da Universidade e em meio ao desconhecido, exceto pelo que já havia lido, fui ver do que se tratava. Aquela vivência abriu as portas para que em cada Lua Nova me reunisse novamente com aquelas mulheres e de alguma forma já sentia uma conexão antiga.

O espaço de aconchego e acolhimento se fazia combinando as flores e frutas com as saias a girar junto com cada cântico que era puxado alí. Em cada troca eu reconhecia na fala da outra a minha fala, em cada angustia compartilhada eu reconhecia a minha angustia e percebi que algo raro acontecia e que eu compreendia aquilo: sororidade. Tornou-se inevitável a empatia, bem como a alegria de nos fortalecer juntas, seja trazendo questões pessoais, sociais, políticas, morais, espirituais.

Senti que realmente fazia parte de um movimento de transformação, pois em cada partilha que vivenciava percebia que outras mulheres também poderiam e deveriam experienciar aquilo. Em um desses círculos, uma companheira de roda trouxe que um grande encontro de mulheres estaria por

ocorrer em outubro de 2014 em São Paulo – Primeiro Encontro Mundial de Círculos de Mulheres. A vivência trouxe o entendimento de que um movimento muito maior do que me era compreendido existia; que muitas mulheres se reúnem e já vêm se reunindo há séculos de ancestralidade.

Fui associando a ideia do círculo e percebi que esse tipo de reunião se dá há tanto tempo e em sociedades primitivas, onde celebravam todos os acontecimentos importantes seja um nascimento, a iniciação, o casamento, o plantio, a colheita, a chegada das chuvas, a primavera, a morte. A mim encanta esse símbolo da vida comunitária, o eixo agregador e socializador da comunidade, que reflete uma necessidade e até certa urgência da comunhão, da união das pessoas em gratidão a terra e a sua divindade. Entendi como para estes povos a dança era um ato sagrado que lhes permitia a ligação com o divino expressando através dela sua profunda ligação com tudo que o cercava e isso fazia sentido para mim.

O Encontro ocorreu em um parque, onde cerca de 400 mulheres se reuniram para a realização de um círculo durante dois dias de vivência e o objetivo proposto visava à “valorização da mulher, à propagação do feminino essencial e à motivação ao movimento evolucionário e revolucionário de espiritualidade feminina,” (MARIANI, 2014), se apoiando teoricamente na poética de Jean Shinoda Bolen<sup>11</sup>.

Esse movimento é baseado na hipótese científica desenvolvida pelo biólogo Rupert Sheldrake e reescrita por Ken Keynes Junior: é a Teoria do Campo Mórfico. Esta diz que uma mudança no comportamento de uma espécie ocorre quando uma massa crítica – um número exato necessário – é

---

<sup>11</sup> Jean Shinoda Bolen, M.D., analista junguiana, professora clínica de psiquiatria, feminista, ativista, no livro “O Milionésimo Círculo – Como transformar a nós mesmas e ao mundo – Um guia para Círculos de Mulheres”.

alcançada, transformando 'um todo', conscientizando e formando uma massa crítica e promovendo uma evolução social, política e cultural, mudando todas as relações que o cercam. A teoria também disserta sobre a importância do poder e da força que as mulheres detêm quando reunidas em círculos igualitários.

O círculo atua como centro neutralizador das diferenças e promove uma melhora no bem-estar emocional das mulheres que dele fazem parte. Serve como centro de referência, inspirando segurança e estimulando de forma intimista o descobrimento pessoal, o que o torna um agente de transformação para sociedade de maneira geral. (MARIANI, 2016)

Achei interessante o Encontro por vivenciar momentos muito bonitos de compartilhamento muito profundos, motivadores, esclarecedores e alegres. Me senti parte de algo muito maior do que eu esperava e eu acreditava naquilo. Me senti parte de uma união invisível que sempre me acolheu, mas que não havia despertado ainda. Cantar e dançar em círculo com aquele grupo de mulheres tão distinto se tornou memória bastante lembrada.

Após aquele final de semana o interesse literário sobre o contexto histórico daquelas práticas e as referências desse legado foi grande até que entre as mulheres mais próximas do meu ciclo social o interesse mútuo também começou a ser estabelecido e movimentado.

A ideia de iniciar um círculo entre nós e mulheres mais próximas que nos permeiam foi se tornando um projeto de realizar encontros mensais e diariamente virtuais para pensar em como facilitar o nosso próprio encontro. Chamou-se de Círculo do Caldeirão Lunar e estabeleceu-se que seria alinhado aos ciclos lunares: cada mês o encontro ocorreria em uma lua, de modo a permitir a observação de suas influências em cada mulher no período entre-círculos.

Ficou estabelecido coletivamente que a divulgação se daria entre nós, entre olhos e convites pessoais. Boca a boca. Alguém que chama alguém, que chama alguém e assim seguiria a difusão do encontro, e ainda o espaço era cedido voluntariamente por uma participante através da movimentação via internet.

O que se desenvolve nesses círculos pode-se comparar com a tessitura de teia de uma aranha, que começa pequena e central, e, por conseguinte vai se estruturando forte e ocupando um maior espaço. São fios fortes que não se perdem entre si, são laços, não nós. Como pesquisadora e também participante consegui vivenciar na pele o que estudava. Consegui sentir o poder revolucionário de um círculo e a importância de estar tão horizontalmente envolvida com aquelas mulheres curando cicatrizes ancestrais que permaneciam vivas.

O círculo de mulheres que estabeleço como resultante deste trabalho aconteceu em 19 de maio de 2015 e foi co-criado em cima da temática do dia das mães – comemorado nesse mês. Embora grande parte das vivências tenha ocorrido se forma fluida e harmônica, este se fez com uma carga profunda de desabafos e liberação de angústias pessoais. De certa forma entendi aquele espaço como um santuário de cura onde aquelas se apoiavam e pude avaliar como o círculo se estabelece por si. Quem segura a onda é o próprio círculo, são as próprias mulheres, então se uma desaba as outras estão ali, fortes, para segurar. E assim segue.

A experiência se equilibrava entre discursos, perfumes, cantos e danças circulares que conduziam a ciranda de forma tão leve que a noção de tempo linear se perdia. Um dos discursos esclarecedores veio com o ensinamento de

que “não somos, estamos” e isso seria a chave para a emancipação de vários padrões tendenciosos os quais nos firmamos. A companheira de roda se referia ao comportamento machista por parte das próprias mulheres e sensação de uma rivalidade inata e disputa entre mulheres que na verdade são discursos manipuladores e que vizam a crítica e o distanciamento. Que as move em direção à competição, ao territorialismo, à agressividade passiva. Ao entender que não somos alguma coisa/alguém/isso/aquilo, mas sim estamos sendo, é possível a transformação; a quebra de paradigmas; a transmutação de infinitas possibilidades.

Foi possível reconhecer a irmandade intrínseca que nos permeia e sempre esteve ali, mas que por vezes foi alimentada por desamor caindo no julgamento, na crítica e no distanciamento. Através das falas a circular, assumia-se naquele momento a responsabilidade de cura pelas relações com todas as mulheres e ainda o trabalho do perdão. Com o desabrochar daqueles discursos minha hipótese se fez verdadeira: um círculo promovendo amor e sororidade, promovendo união e respeito e aquilo para mim era um grande presente.

Entendi como aqueles encontros eram especiais e sempre únicos, cada um tinha sua relevância, sua peculiaridade, inclusive o menor círculo com apenas quatro participantes. A sensação de troca pós círculo ainda se faz presente, pois um círculo que se abre nunca se fecha.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos concebidos nessa pesquisa seguem concluindo não uma certeza, uma verdade absoluta. A proposta foi gerar a possibilidade de trazer olhares ao encontro circular e ao reencontro de si. Trazer também reflexões sobre os padrões seguidos, sobre as morais impostas e aquilo que foi naturalizado. A maior dádiva da vida é que todos são círculos, somos ciclos. Tudo é transitório e passível de mudança.

Encarar o círculo como potencial transformador para as mulheres é imprescindível, mas questionar também o gênero e as limitações da atividade é considerado também necessário e urgente. O esclarecimento é o caminho para a harmonização dos espaços e das pessoas e é partindo desse pressuposto que os encontros pesquisados se desenrolavam. Essa análise garante uma sensação de que o movimento de círculos pode continuar se desenvolvendo e transformando mesmo que minimamente o espaço, a mulher, a sociedade.

Lembrar historicamente a memória das mulheres e a relação delas para com a natureza, as sabedorias e medicinas de cura; um maior esclarecimento sobre observar os ciclos da terra e da lua. Retornar ao tempo em que se olhava para o céu e para a terra, reconhecendo as plantas; as ervas e as fases da lua, com consciência sobre o que representava e como o corpo se transformava em cada ciclo. O conhecimento ancestral que rodeava as comunidades e toda a opressão e perseguição que essas práticas sofreram deve ser lembrado e trazido à tona para que não seja esquecido e para que seja entendido que a atual conjuntura social e política de opressão à mulher, machismo, desigualdade e o patriarcado no geral como um processo de transição lenta e recente.

O estudo de caso retratado confirma que a possibilidade de desenvolver uma reunião, uma ritualística que funciona como canal para o esclarecimento mesmo que para apenas uma única mulher e que esta consiga desenvolver a percepção para alguma questão importante de si ou pratique a empatia e seja de alguma acolhida confere à hipótese central da pesquisa monográfica: a sororidade é gerada e por ser uma prática horizontal e espontânea, consegue se desenvolver em rede, fortalecida entre si e uma forma de movimentar potências.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Editora Graal, 1985

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista*. Editora Petrópolis, 1997

JUNG, C.G. *O Livro Vermelho*. Editora Vozes, 2010

GRAMSCI, Antônio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Editora Civilização Brasileira, 1982

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Editora Civilização Brasileira. 2003.

PRANIS, Key. *Processos circulares*. Editora Palas Athena, 2010

SPINOZA, Benedictus de. *Ética*. Tradução de Tomaz Tadeu. Autêntica Editora, 2009.

PELBART, Peter P. *Vida Capital: Ensaio de biopolítica*. Editora Iluminuras, 2003

ENGELS, Friedrich. *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*, 1884

JJ Bachofen. *Mito religião e direito materno*, 1961

MIDELFORT, H. C. E. *Witch-hunting in Southwestern Germany*, 1972

MOOREY, Teresa. *A deusa*. Editora Pensamento, 1997

LAGARDE, de los Rios. *El feminismo em mi vida: hitos, claves y topías*. 2012

Disponível em < <http://www.inmujeres.df.gob.mx> > Acesso em 20.07.2016

KOLLONTAI, Alexandra. *Marxismo e Revolução Sexual*. Global Editora, 1982

RICOEUR, Paul. *A identidade narrativa e o problema da identidade pessoal*.

Trad. Carlos João Correia. Editora Arquipélago, 2000.

PRIETO, Claudiney. *Wicca: A religião da Deusa*. Editora Alfabeto, 2012

MARIANI, Soraya. *Como mudar o mundo: os círculos de mulheres rumo ao*

*milionésimo círculo*. Disponível em <

[https://www.facebook.com/soraya.mariani.5/media\\_set?set=a.818148021571985.100001303838517&type=3](https://www.facebook.com/soraya.mariani.5/media_set?set=a.818148021571985.100001303838517&type=3) > Acesso em 20 de maio de 2016

TIBURI, Marcia. *Judith Butler: Feminismo como provocação*. Disponível em <

<http://revistacult.uol.com.br/home/2014/01/judith-butler-feminismo-como-provocacao/> > Acesso em 03 de junho de 2016

DHYLLAN. *Reflexões Etimológicas do Termo "Bruxa"* Disponível em < [http://a-](http://a-bruxaria.blogspot.com.br/2011/01/algumas-reflexoes-inerentes-etimologia.html)

[bruxaria.blogspot.com.br/2011/01/algumas-reflexoes-inerentes-etimologia.html](http://a-bruxaria.blogspot.com.br/2011/01/algumas-reflexoes-inerentes-etimologia.html)

> Acesso em 05 de junho de 2016